



10º Congresso de Pesquisa

A CONCEPÇÃO DE PIERA AULAGNIER SOBRE AS IDENTIFICAÇÕES: A IDENTIFICAÇÃO PRIMÁRIA, IMAGINÁRIA E SIMBÓLICA

Autor(es)

HENRIQUE GUILHERME SCATOLIN

Apoio Financeiro

CAPES

1. Introdução

Com base em sua clínica atendendo pacientes psicóticos, Piera Aulagnier defrontou-se com os limites que o modelo freudiano apresentava para tratar desta forma de sofrimento psíquico e de sua analisabilidade, pois para Freud, o psicótico não realizava transferência e, por isso, não poderia se beneficiar de uma análise. E, ao possibilitar a análise de psicóticos, Aulagnier apresenta contribuições metapsicológicas, psicopatológicas, metodológicas, técnicas e éticas ao legado freudiano, respondendo assim ao apontamento freudiano segundo o qual só com futuros progressos da psicanálise é que esta poderia se tornar acessível à análise de psicóticos.

2. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo realizar uma releitura nas obras da psicanalista francesa Piera Aulagnier, enfocando a questão da dialética identificatória. A partir do enfoque sobre o desejo dos pais em relação ao seu filho como um sujeito singular e autônomo, é ressaltado a concepção de identificação primária e demanda primária (demanda de libido, de desejo do bebê) para que, posteriormente, seja abordado a temática da identificação imaginária na qual esta autora traz o estágio do espelho, único conceito lacaniano que não sofreu nenhuma alteração ao longo de suas obras. Após o enfoque na identificação primária e na especular – também conhecido como imaginária – é ressaltado o conceito de identificação simbólica, ressaltando os seus dois tempos: o tempo de compreender e de concluir. Assim, ao longo do trabalho, é feito alguns recortes das interpretações desta psicanalista da obra de Jacques Lacan, ressaltando como a teoria das identificações permeou os seus escritos clínicos ao longo das décadas de 60, 70 e 80.

3. Desenvolvimento

Este trabalho corresponde a um levantamento bibliográfico na obra da psicanalista francesa Piera Aulagnier. Os dados apresentados abaixo correspondem a concepção teórica desta psicanalista sobre a identificação primária, imaginária e simbólica e serão utilizados na tese, de minha autoria, intitulada Dúvida e Culpa: um estudo sobre a problemática identificatória na neurose obsessiva. O desenvolvimento desta tese, que utiliza os dados clínicos de um paciente obsessivo, foi autorizado pelo comitê de ética da PUC-SP sob o número 173/2011.

4. Resultado e Discussão

Primeiramente, é necessário destacar que o Eu pertencente à metapsicologia de Aulagnier é diferente do ego freudiano. Para Freud, “[...] uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido” (1914, p. 84). Freud não especifica a data em que este ego se constitui, sendo o narcisismo a primeira forma pela qual o ego se constitui como ego ideal. Os pais, ao reviverem seu próprio narcisismo por ocasião do nascimento de seu filho (a), colocam este no patamar de ‘sua majestade, o bebê’. E o mestre ainda releva que “ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (1923, p. 39). Este ego é fruto das sensações corporais, principalmente daquelas provenientes da superfície do corpo. Em relação ao ego freudiano, Aulagnier diz: “Para mim, o Eu é uma instância que está diretamente vinculada à linguagem. Não há lugar em minha concepção metapsicológica para o conceito ego-id indiferenciado. Neste sentido, não se pode fazer uma equivalência entre a maneira como Freud se serve do conceito de ego [...] e o que tenho definido como Eu. Defini um conceito para mim fundamental que é o Eu antecipado e não se pode falar de um ego antecipado no discurso materno [...]” (2010, p. 63). Para Aulagnier, este Eu é um Eu historizado, que insere o bebê, desde o seu nascimento, numa ordem temporal e simbólica. Este Eu nasce imerso na história edípica dos pais e se constitui através de uma dialética identificatória. Afirma: “minha diferença com Lacan é que, para mim, o Eu não está condenado ao desconhecimento, nem é uma instância passiva. Ainda que seus primeiros identificados sejam providos pelo discurso materno, o Eu também é uma instância identificante e não é um produto passivo do discurso do Outro” (2010, p.63). Para a autora, o Eu é constituído por duas dimensões: a identificada (provida pelo discurso materno) e a identificante (que não é produto passivo do discurso do Outro). Este Eu é estruturado pela linguagem à medida que, mesmo antes de vir ao mundo, o bebê é pré-enunciado e pré-vestido pelo discurso do casal parental. Este bebê nasce em um meio familiar, um “micro-meio”, que Aulagnier entende como “espaço falante” (1979, p. 105). Assim, este futuro Eu se desenvolverá em um micro-meio familiar organizado pelo discurso dos pais, pelo desejo que une os pais e pelo desejo de cada um destes por este filho. Para Aulagnier, ao nascer, a psique incipiente do bebê encontra dois fragmentos do mundo: o seu próprio corpo e a psique dos outros, a começar pelo Eu materno. Este primeiro encontro com a mãe é fundamental para o início da constituição psíquica do bebê; pois além da necessidade vital da alimentação, há todo um investimento libidinal da mãe para com o seu filho, investimento este indispensável para o seu funcionamento psíquico. Esta vivência deve proporcionar ao menos um mínimo de prazer e será representado psiquicamente pelo originário. Assim, esta psicanalista compreende a vivência de satisfação como a ocasião do encontro inaugural boca-seio. É neste encontro que coincide, uma única vez, o desejo materno que o recém nascido demande o seu seio e a demanda do bebê de que a mãe o deseje, do que resulta a identificação primária do bebê com as percepções coextensivas à resposta materna a sua demanda primária. Para Aulagnier, To é marco zero que corresponde à identificação primária. Esta marca To “designa o momento do nascimento do infans” (1989, p. 123). Este marco ocorre no nascimento do bebê e é precursora do Eu. Este tempo se prolonga até T1 (tempo um), que corresponde à identificação imaginária ou especular, momento este do advento do Eu. Sobre esta emergência do Eu no cenário psíquico, Aulagnier aponta que “para fundar sua história, [este Eu] terá que encontrar um caminho e uma voz que lhe tornem possível pensar este antes” (1989, p. 215). Na identificação primária, o bebê se depara com um corpo externo ao seu cuja presença é alvo imediato de sua demanda libidinal. E para ‘pensar este antes’, este Eu deve ser pré-vestido por sua mãe. De outro lado, este “antes pode se revelar alternadamente um aliado ou um adversário” (1989, p. 216). Este aliado pode ser fonte de prazer e de investimento para o bebê; ou, ao contrário, a presença deste adversário pode se tornar fonte de desprazer, de não investimento libidinal pelo bebê. Assim, o primeiro momento da dialética identificatória é representada pela a mãe o bebê, sendo que “a mãe deseja que o infans demande’ e ‘o infans demanda que a mãe deseje” (1968, p. 197). Isto significa que a qualquer observação de choro, grito, sofrimento ou alegria do bebê, estes sinais podem ser interpretados pela mãe como sinais da qual esta seria a destinatária desta demanda, interpretando-os conforme o seu desejo. A identificação especular ou imaginária. Em relação a identificação especular ou imaginária, Aulagnier aponta que “esta é [...] o segundo tempo da dialética identificatória” (1968, p. 201). Após a identificação primária, Aulagnier destaca um segundo momento da dialética identificatória: a identificação especular. Neste segundo momento da dialética identificatória ocorre o advento do Eu no qual este se identifica com a resposta ao desejo materno. Na teoria freudiana, respeitando a concepção de narcisismo, trata-se da emergência do ego ideal; já na teoria lacaniana, trata-se da ‘assunção jubilosa de si’, momento narcísico fundamental da constituição do Eu ideal. Assim, para Aulagnier, o Eu não está presente desde o início da constituição psíquica, devendo se constituir entre os 06 e os 18 meses, no estádio do espelho de que fala Lacan. Neste momento ocorre “o encontro entre um olhar e um visto identificado por aquele que olha como idêntico a si mesmo” (1968, p. 201). Isto significa que Aulagnier retrata este momento como sendo o encontro entre o olhar desejante do bebê e a sua imagem no espelho, tendo por testemunho o olhar de sua mãe. Neste momento, ao se defrontar com um visto idêntico a si mesmo e diferente de sua mãe, este fato desperta o investimento em sua própria imagem, desencadeando a agressividade ocasionada pela percepção da diferença e do limite. Assim, Aulagnier ressalta que a junção entre o visto (a imagem especular) e o escutado (enunciado identificatório pronunciado pela mãe) promove a assunção jubilosa de si. Antes de prosseguir sobre a identificação especular, gostaria de salientar que durante a publicação do artigo Demanda e Identificação em 1968, Aulagnier ainda estava filiada a escola Freudiana de Paris. Ela nunca negou a importância e a influência de Lacan em seu modo de compreender a psicanálise, mas em sua entrevista à psicanalista Marilsa Taffarel, declara: “eu, pessoalmente, me considero freudiana [...] . Do ponto de vista psicanalítico, sofri influência predominante de Freud, mas também me ocupei muito da teoria de Lacan, à qual dei e continuo dando muito valor. Seja qual for a distância que eu tenha tomado de toda uma parte da teoria lacaniana, ainda penso que sua contribuição é fundamental para o conceito de identificação” . Isto significa que ela deixa bem claro que ela é freudiana; como todos os psicanalistas que acompanharam Lacan apenas até a primeira fase de suas produções, quando o mesmo propôs fazer um retorno a Freud. Em 1969, não concordando com a formação do analista, ela se desliga da Escola Freudiana de Paris (coordenada por Lacan) para fundar o Quatrième Groupe. Lembremos que quando o modo secundário do funcionamento psíquico começa a funcionar, as zonas erógenas se unificam, propiciando as bases para o surgimento do veículo de demanda do sujeito: a linguagem. Para Aulagnier “o primeiro

papel que o sujeito faz a linguagem desempenhar é exatamente o de veicular sua demanda” (1968, p. 194). É na e pela demanda que o sujeito vai constituindo a sua linguagem em discurso; já que no momento em que o ego do sujeito fala, este ego demanda ao Outro, a si mesmo e ao seu semelhante a satisfação de suas demandas pré-genitais. Assim, à medida que o bebê vai se familiarizando com o manuseio da linguagem, ele usa esta para demandar os seus objetos com brilho fálico. A identificação simbólica. Para Aulagnier, a identificação simbólica abarca dois tempos: o “tempo de compreender”, que se estende desde o advento do Eu no estádio do espelho (T1) até a assunção da castração, e o “tempo de concluir” (T2), que se inicia com a castração e culmina com a identificação ao projeto identificatório. E como Aulagnier considera a identificação simbólica como ocorrendo desde o “momento de compreender” até o “momento de concluir”, ela considera o momento de compreender, a castração, como “a descoberta, no registro identificatório, de que não ocupamos jamais o lugar que acreditávamos nosso e que inversamente já estávamos destinados a ocupar um lugar no qual não poderíamos ainda nos encontrar” (1975, p. 168). Todas as certezas construídas na relação com a mãe desmoronam no momento da confrontação do menino ao discurso do pai e do meio, sendo este último uma instância que, não sendo o pai, pode vir a desenvolver o papel de mediador. Ou seja, o discurso do pai lhe revela que o que ele pensava em relação à mãe e da relação entre ambos (mãe e filho) era uma fraude, um engano e que este menino ocupava um lugar o qual não tinha este direito. Assim, o discurso parental, e através deste o discurso dos outros e do meio, o colocam em um lugar onde ele ainda não se encontrava. A castração pode ser considerada “uma experiência na qual podemos entrar, mas da qual [...] não podemos sair” (1975, p. 168). Caso a angústia de castração (ou de identificação) venha a se cristalizar para o menino de uma forma privilegiada no temor de ser privado de seu órgão sexual, isto significa que ser homem ou mulher é a primeira descoberta que faz o Eu no campo de suas referências identificatórias.

5. Considerações Finais

No trabalho ressaltado acima foram destacados três tempos da dialética identificatória. Logo após o nascimento, toda a demanda primária do bebê é uma demanda de desejo, de libido materna. A esta demanda de desejo corresponde a identificação primária; ou seja, “a manifestação inaugural do psiquismo” (1968, p. 196). Esta é precursora do Eu, momento este em que há uma alienação do bebê no desejo e no imaginário materno. Em um segundo momento, na identificação imaginária, ocorre a assunção jubilosa. Para Aulagnier declara que “posto que esse ‘visto’, esse ‘eu é isso’, revelam tudo o que ‘eu’ não é: separado da mãe, diferente do seio, limitado por seus tegumentos, ele não é essa boca suposta causa da existência do seio e portanto da mãe, ele não é a infinidade de possibilidades” (1968, p. 202). A separação entre mãe e criança é o ato fundador da subjetividade e a condição da possibilidade de acesso a linguagem. Por último, em um terceiro momento, há a identificação simbólica, momento este que a criança irá se deparar com a castração. Aulagnier afirma que “castração e identificação são as duas faces de uma mesma unidade, e uma vez o Eu constituído, a angústia ressurgirá cada vez que as referências identificatórias oscilarem” (1975, p. 159). Castração e identificação são dois conceitos interligados na visão desta psicanalista, pois a angústia de castração ou angústia de identificação (ambos são sinônimos para Aulagnier) representa o preço que o sujeito tem que pagar pela instância que se chama Eu, instância esta que o insere em uma temporalidade e historicidade.

Referências Bibliográficas

- AULAGNIER, Piera (1967). Um interprete em Busca de Sentido – I. São Paulo: Escuta, 1986.
- _____. (1968). Desejo, Demanda, Sofrimento. In: Um Intérprete em Busca de Sentido – I. São Paulo: Escuta, 1990.
- _____. (1975). A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. (1979). Os Destinos do Prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- _____. (1981). Da Linguagem Pictural à Linguagem do Interprete. In: Um Intérprete Em Busca de Sentido II. São Paulo: Escuta, 1990.
- _____. O Aprendiz de Historiador e o Mestre Feiticeiro. São Paulo: Escuta, 1989. FREUD, Sigmund. (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. ESB, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1923). O Ego e o Id. ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. VIOLANTE, M. Lucia V. (org). Desejo e Identificação. São Paulo: Annablume, 2010.